VENDA AVULSA
N.º do dia... Cr. $ 0,50
Aos domingos " $ 0,60

FOLHA DA MANHÃ

Diretor-Superintendente: OCTAVIANO ALVES DE LIMA
Propriedade da Empresa "FOLHA DA MANHÃ" LIMITADA
Diretor Gerente: DIOGENES DE LEMOS AZEVEDO

TRÊS SECÇÕES
28 PÁGINAS

ANO XVIII || RUA DO CARMO, 35 e 39 TELEFONE 2-7181 (RÊDE INTERNA) || S. Paulo – Domingo, 3 de Janeiro de 1943 || CAIXA POSTAL 2 906 ENDEREÇO TELEGRÁFICO "FOLHAS" || N. 5 773

De Gaulle Propõe a Unificação das Forças Francesas

MENSAGEM DE ROOSEVELT COMEMORATIVA DO 1.º ANIVERSÁRIO DA DECLARAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS

A Tríplice Tarefa a Cargo dos Aliados no Corrente Ano, Segundo o Presidente dos Estados Unidos

WASHINGTON, 2 (R.) — O presidente Roosevelt, em comunicação feita por motivo da passagem do primeiro aniversário da declaração das Nações Unidas, assegurou o seguinte:

"As Nações Unidas estão passando da defensiva para a ofensiva.

Procura-se vivamente conseguir que a mesma unidade mantida nas batalhas perdure nos problemas não menos complexos que se apresentam nas diversas frentes.

Nesta guerra, mais do que em qualquer outra, os homens estão cônscios da necessidade suprema de se ocuparem do que virá depois e de prosseguirem, uma vez concluida a paz, no esforço comum que lhes valerá a vitória.

Desde já, os homens devem observar que a manutenção e a salvaguarda da paz são coisas mais vitais do que a simples necessidade nas vidas de cada um e de todos os outros. Todos os projetos para o futuro dependem evidentemente da paz. E, em tudo que fazem desde já as nações Unidas, os detalhes são secundários e o principal é o objetivo.

Uma das tarefas que temos pela frente consiste em empregarmos a força máxima da humanidade livre, até que o presente ataque de bandidos contra a civilização seja completamente esmagado.

Uma outra tarefa é organizar relações tais entre as nações que as forças do barbarismo jamais possam predominar novamente.

As Nações Unidas devem permanecer juntas no fim da guerra, exatamente como se conservam atualmente. Com efeito, um dos mais importantes objetivos bélicos é manter a paz de tal maneira que nenhum povo mais possa atravessar um outro cataclisma mundial e tenha a certeza razoavel de que tambem os seus filhos não sofrerão no porvir.

Quaisquer projetos para o futuro, de ordem social, económica ou de qualquer outra natureza, não merecem ser considerados se, acaso, deve haver uma outra guerra dentro de 10 ou 15 anos.

Há um ano, foi assinada em Washington uma declaração por 26 nações unidas. A situação mundial, então, era das mais sombrias e, entretanto, naquele dia de ano bom, ligadas pelos ideais universais da Carta do Atlântico, aquelas nações rubricaram um ato de fé, estipulando que a agressão militar, a violação de tratados e a selvageria calculada seriam impiedosamente punidas pelo seu poderio conjunto e que os princípios sagrados da vida e da liberdade, bem como o direito à felicidade, seriam restabelecidos como os ideais mais caros da humanidade.

Foi assim criada a coligação mais poderosa da história — poderosa não somente pela esmagadora força material como, tambem, pelos seus eternos valores espirituais. Depois daquela data, três outras nações entraram para a coligação. A unidade assim obtida em meio ao grave perigo produziu frutos abundantes.

As Nações Unidas, repito, passam agora à ofensiva. A nossa tarefa neste novo ano bom é tríplice:

1.º — Lutar, utilizando-nos das forças maciças da humanidade livre, até que o atual conflito do banditismo contra a civilização seja totalmente esmagado.

2.º — Organizar as relações entre as nações, de maneira tal que as forças do barbarismo jamais possam novamente se manifestar.

3.º — Cooperar para que a humanidade venha a gozar, em paz a liberdade sem precedentes, das bençãos que a Providência, por meio do progresso e da civilização, colocou ao nosso alcance".

Um trecho formal da declaração foi ampliado depois na entrevista que o presidente concedeu aos representantes da imprensa na qual Roosevelt afirmou:

"Naturalmente, como penso, já foram estabelecidos vários grandes objetivos, que serão realizados, uma vez concluida a paz, de modo que não nos exporemos mais à velha ameaça do período de ante-guerra. Grandes coisas há que as Nações Unidas devem levar a termo e porisso elas necessitam continuar unidas para fazê-lo. Há, entretanto, algo que desde já se destaca como sendo o mais importante dos objetivos de guerra — manter a paz, de maneira que todos que atravessamos esta guerra, inclusive os combatentes de todas as frentes marítimas e terrestres, não venham novamente a atravessar o novo cataclisma mundial e, como diz a minha declaração, tenham a certeza razoavel de que os seus filhos não atravessarão um outro cataclisma igual. Quasi todas as demais coisas que esperamos conseguir neste conflito dependerão mais ou menos da manutenção da paz".

O Chefe da França Combatente Pretende Estudar, com Giraud, Novas Bases para o Esforço Bélico dos Gauleses

Sugerida por Aquele General a Realização de Um Próximo Encontro com o Alto Comissário na África do Norte, Afim de Ser Debatida a Situação

LONDRES, 2 (R.) — Em declaração publicada esta noite, o general De Gaulle tomou a iniciativa de convidar o general Giraud para uma entrevista, afim de com ele discutir a questão da unificação das colónias francesas.

Diz-se que o chefe do movimento da França Combatente está disposto a lançar as cartas na mesa, definindo inequivocamente sua atitude. Resta saber o que responderá Giraud.

Espera-se para breve o lançamento de alguma luz sobre o caso, embora seja opinião geral que nada será esclarecido por meio de palavras, mas sim na forma de fatos concretos, sem os habituais circunlóquios diplomáticos.

Consta que o general De Gaulle está disposto a se encontrar com o general Giraud em qualquer local que este determinar, na África do Norte ou na África Equatorial Francesa.

DECLARAÇÃO DO GENERAL DE GAULLE

LONDRES, 2 (R.) — Uma declaração divulgada pelo lider da França combatente, general De Gaulle, anuncia esta noite:

"A confusão interna aumenta continuamente na África do Norte e na África Ocidental Francesa. A causa dessa confusão consiste em que a autoridade francesa não conta com nenhum ponto básico, depois do colapso de Vichí e que a grande força de fervor, coerência e experiência nacionais, que constituem a França combatente, a qual já voltou à guerra, e devolveu à República uma grande parte do Imério, não está oficialmente representada nesses territórios franceses.

Os resultados dessa confusão são: 1.º) — A situação atual, que é e será um obstáculo para as operações dos exércitos aliados; 2.º) — O fato de que a França, no momento decisivo, esteja privada desse poderoso trunfo, que seria a união para o prosseguimento da guerra e seu vasto Império ligado ao movimento de resistência na própria França. E, finalmente, e talvez o mais importante de todos: o assombro do povo francês, ao contemplar a sorte da parte do Império ultimamente libertada.

O remédio para essa situação é o estabelecimento na África do Norte, na África Ocidental e em todos os demais territórios franceses de ultra-mar de um poder central amplo e temporário, fundado na união nacional e inspirado pelo espírito da guerra e da libertação, e baseado em leis que sejam as da República, poder esse que deverá durar até o momento em que a nação haja dado a conhecer sua vontade. Tal é a tradição da democracia francesa. Foi assim que, em 1870, após a queda do Império, os homens da defesa nacional provisoriamente tomaram parte do poder em nome da República, afim de dirigir o esforço de guerra da nação.

Em 25 de dezembro, de completo acordo com o Comitê Nacional e o Conselho para a Defesa do Império, sugerí ao general Giraud que devíamos entrevistar-nos imediatamente em território francês, afim de estudar os meios de atingir essa finalidade. De fato, acredito que a situação dos franceses e a situação geral da guerra não admitem mais delongas".

AS TENDÊNCIAS POLITICAS DO GENERAL DE GAULLE

LONDRES, 2 (R.) — O general De Gaulle respondeu a diver-

(Conclue na página 3)

Os Esforços Desenvolvidos pelos Estados Unidos para Evitar ou Restringir o Conflito Mundial que Ora se Desenvolve

Dado Ontem a Público o Livro Branco Norte-Americano, Definindo a Política da Grande República Nestes Últimos Anos — Declarações de Cordell Hull

WASHINGTON, 2 (R.) — O Livro Branco americano divulgado hoje menciona novos e decisivos fatos acerca dos esforços dos EE. UU. para evitar ou restringir a guerra mundial n. 2 durante os últimos 10 anos até ao episódio de Pearl Harbor.

O Livro Branco faz um exame da política externa americana de boa vizinhança desde 1933 a 1939, da política pacifista dos Estados Unidos para com o Japão, seus esforços para conseguir o desarmamento, sua atitude quanto ao rearmamento alemão, ao acordo de Munich e tambem à atitude americana para com a política exterior italiana e a agressão.

O sr. Cordell Hull, secretário de Estado, diz na introdução:

"Esse Livro é a coleção de documentos que está em processo de publicação e representa um relatório da política e atos pelos quais os EE. UU. procuraram promover condições de paz e de ordem mundial e enfrentar os perigos universais que resultaram na agressão dos japoneses, alemães e italianos, enquanto os mesmos se apresentavam.

Esse relatório mostra, penso eu, que por todo esse período o nosso governo consistentemente advogou, praticou e fez sentir aos outros paises os princípios da conduta internacional, assentada em bases sobre as quais as nações do mundo inteiro pudessem ter segurança, confiança e progresso.

Muito foi conseguido em face das imensas dificuldades. E' para o estabelecimento desses princípios, que nós e nossos associados lutamos hoje. E estou convencido de que tivessem esses princípios sido adotados e aplicados pelas nações do mundo, e todos os legítimos agravos e controvérsias entre as nações poderiam ter sido satisfatoriamente ajustados por processos pacíficos e sem recorrer à força.

Nós e toda a humanidade teríamos sido poupados dos horrores desta guerra que se desenvolve pelo mundo, atirada sobre nós pela ambição criminosa dos líderes do Japão, Alemanha e Itália, que rejeitaram todos os princípios de lei, justiça e negociações pacíficas, recorrendo à espada e à força.

Ansiosamente esperamos que o estudo dessas informações auxiliará nossos cidadãos a esclarecer os entendimentos dos problemas e tarefas que nós temos defrontado, daqueles que nos confrotam agora e dos que nos confrontarão nos dias cruciais do porvir.

Haverá confiante esperança no futuro preparado para o nosso povo e povos ligados aos eternos princípios da lei, justiça e moralidade, que nós constantemente temos proclamado e procurado aplicar, e que devem fundamentar qualquer programa praticavel de colaboração internacional pacífica do bem para todos.

Nosso povo e os povos das nações unidas necessitarão ter no futuro como o teem hoje, unidade de fins e vontade para proporcionar contribuição indispensavel e apropriada para consecução da vitória militar e para o estabelecimento e manutenção da paz, que será duradoura.

Com a unidade de propósitos e esforços comuns poderá ser alcançada a paz que abrirá a toda a humanidade a maior oportunidade que jamais existiu, pelo bem estar e progresso em todas as sendas do esforço humano".

O Livro Branco afirma que a década funesta de 1931 a 1941 terminou com atos de violência da parte do Japão. "Foi marcada pelo implacavel desenrolar de uma política determinada de dominação universal da parte do Japão, da Alemanha e da Itália. Em 1931 o Japão assenhoriou-se da Mandchúria. Dois anos mais tarde a Alemanha se retirou da Conferência do Desarmamento e começou a rearmar-se. Em 1934, o Japão deu aviso da terminação do tratado de Washington de limitação do armamento naval. Em 1935 a Itália invadiu a Etiópia. Em 1930 Hitler rasgou o tratado de Locarno e fortificou a zona desmilitarizada do Reno. Em 1937 o Japão novamente atacou a China. Em 1938 Hitler ocupou a Áustria e desmembrou a Tchecoslováquia. Durante a primeira metade de 39 Hitler completou a destruição da Tchecoslováquia e apoderou-se de Memel, enquanto a Itália invadia a Albânia. Em setembro de 39 Hitler atirou-se contra a Polónia e, durante os dois anos que se seguiram, quasi todos os paises da Europa foram mergulhados ou levados à guerra. Em 1940 o Japão, com ameaças de força, penetrou na Indochina.

Finalmente, a 7 de dezembro de 1941 lançou o Japão o ataque armado contra os Estados Unidos da América, ato esse imediatamente seguido de declaração de guerra do Japão, da Itália, Alemanha e seus satélites, contra este país. Em todo o decurso dessa atribulada hora os Estados Unidos da América, seguindo as diretrizes expostas pelo presidente Roosevelt, em seu discurso de posse, pronunciado em março de 1933, vinham se dedicando à política de boa vizinhança em relação a um vizinho que resolutamente se respeita a si próprio e que, por essa razão mesma, sabe respeitar os direitos de outrem; a um vizinho que respeita suas obrigações e a santidade dos acordos firmados com outros paises. O governo dos EE. UU. da América advogou e aplicou a política de boa vizinhança no hemisfério ocidental e em todas as partes do mundo.

Nossa política exterior durante a década em apreço, tinha necessariamente de ser moldada à evolução gradual da opinião pública nos Estados Unidos da América, onde a idéia de isolamento já se expressara através da lei de neutralidade. Era mister, outrossim, adaptarmos nossa política exterior à compreensão do fato de que o "eixo" elaborara um plano de conquista do mundo, plano este em que os EE. UU. figuravam como vítima certa, embora fossem talvez deixados para o último lugar. Nossa política precípua, portanto, tinha de ser a defesa contra o perigo crescente e real".

Alude em seguida o Livro Branco à "lenta evolução nos Estados Unidos de uma atitude de indiferença ilusória para a posição de vanguardeiro das nações unidas que fazem causa comum contra as tentativas de conquista do mundo, tentativas essas sem paralelo na audácia de sua concepção e na brutalidade de sua consecução".

Recapitulando os baldados esforços de desarmamento, feitos no período 1932-34, o Livro Branco declara que a Conferência de Genebra, a cujos membros o presidente Roosevelt recomendara a completa eliminação de todas as armas ofensivas, teve suas atividades prejudicadas pelos temores da França sobre a sua própria segurança. Recorda que em 1934 o secretário de Estado, Cordell Hull, renovou seus esforços para convencer o Japão do perigo da atitude que esse país vinha adotando.

Diz o Livro Branco que o embargo à exportação de armamento pelos Estados Unidos foi baseado no conceito erroneo de que a entrada da América na última guerra fora causada pela venda de armas aos beligerantes. Afirma que o sr. Cordell Hull aceitou a teoria de que a Alemanha resolvera tornar-se apenas um colosso dominante da Europa continental. Lembra que já em agosto de 1932 o embaixador norte-americano em Tóquio, sr. Joseph Grew, advertira o Departamento de Estado de que "a máquina militar japonesa fora construida para a guerra, sentia-se preparada para a

(Conclue na página 3)

MAPA DE UM SETOR DA EUROPA OCIDENTAL, vendo-se os três pontos principais que se consideram "pontos de invasão". Estes pontos são a Itália, a França e a Noruega. Acredita-se que as nações unidas deles se utilizarão, isolada ou simultaneamente, para atacar a Europa e chegar depois à Alemanha. O quadrinho inferior apresenta a posição que o setor cartografado ocupa na geografia do mundo. Para esclarecimentos, leia-se a nota de "O Momento Internacional", intitulada "Exame dos pontos de invasão da Europa ocupada", que a "Folha da Manhã" publica na oitava página desta edição.

Organizado o novo gabinete jugoslavo

LONDRES, 2 (R.) — Foi hoje oficialmente anunciada a formação do novo ministério da Jugoslávia, o qual possue representantes de todos os partidos políticos do país.

O cargo de primeiro ministro, ministro do Interior e ministro das Relações Exteriores ficam nas mãos do professor Slobodan Jovanovic.

Chegou a Buenos Aires o ministro do Interior do Chile

BUENOS AIRES, 2 (R.) — Procedente dos EE. UU. chegou de avião a esta capital o ministro do Interior do Chile, sr. Morales Beltrani.

SÍNTESE DA SEMANA DE GUERRA
REVISTA DOS ACONTECIMENTOS BÉLICOS

A FRENTE DO MEDITERRÂNEO

As operações militares, na borda norte da Africa, prosseguiram, durante a semana última, com o vagar aconselhado pelas circunstâncias.

De um lado, o general von Rommel, ainda à testa das forças italo-alemãs, na Cirenaica e na Tunísia, continuou realizando retiradas meticulosamente estudadas, afim de oferecer, aos exércitos das nações unidas, o máximo de resistência enquanto recua. De outro lado, o comando das democracias, atuando de acordo com uma ampla estraégia elaborada em Washington e em Londres, procede a operações de avanço tambem meticulosamente estudadas, afim de evitar passos em falso que, no futuro, possam proporcionar vantagens aos italianos e alemães.

Já fizemos notar, na página de assuntos internacionais publicada domingo passado, que as responsabilidades militares, políticas e morais, dos comandantes democráticos, são agora, enormes, mesmo se comparadas à enormidade do que foram anteriormente. Em outras fases desta luta, as nações unidas, cedendo terreno e contornando, tanto quanto possivel, o alcance das derrotas impostos pelos exércitos do "eixo", ganhavam tempo, afim de se armar. Precisavam preparar os soldados, intensificar a produção, garantir o tráfego marítimo, resolver poblemas diplomáticos, estabelecer diretrizes de comando, e definir, seja em suas linhas gerais, seja em seus pormenores, a ação tática, estratégica e logística, de conjunto. Agora, porem, a situação das democracias mudou de figura. Mudou para melhor. Mas, mudando para melhor, aumentou a delicadeza de cada movimento.

As nações unidas chegaram ao fim do ano de 1942 com uma produção de congéries de guerra muito mais apreciavel do que a produção do "eixo". Começam o ano de 1943 com tropas devidamente treinadas para a guerra moderna, em número consideravelmente superior às tropas arregimentadas pelos totalitários. Iniciam uma fase nova da conflagração, com as vias marítimas ainda prejudicadas pela atividade dos corsários do "eixo", mas muito mais seguras do que o foram durante os três primeiros anos do conflito Possuem, agora, mais recursos de transporte, combinados com mais e melhores meios de proteção. E já conquistaram, fóra da Europa, vários pontos de apoio que lhes permitem alguma liberdade de iniciativa nos ataques.

E' verdade que tudo isto garante, às nações unidas, uma posição que promete vitória certa. Entretanto, tambem é exato que, como os exércitos totalitários ainda se encontram em condições relativamente boas de luta, será preciso não facilitar. Será preciso não abusar das vantagens colhidas Será preciso fazer, dessas vantagens, o uso mais sábio possivel, afim de que elas consolidem, cada vez mais, a certeza do triunfo final.

Acresce que, atualmente, qualquer fracasso democrático, por menos transcendental que seja a sua significação, poderá ser explorado pela propaganda nipo-nazi-fascista, em prejuizo de certas conveniêncas aliadas. Há, nos paises ocupados pelos totalitários, milhões de criaturas que se conservam em atitude de ânsia, à espera de que soe a hora de pegarem em armas contra os seus opressores do momento. É necessário que esses milhões de criaturas não sofram desilusões, para que não se perca a vasta reserva de energias que representam, e que, no instante oportuno, se conjugará com o impulso das tropas das nações unidas.

Esta é a razão psicológica pela qual o comando de Washington e de Londres não precipita os acontecimentos. Tudo tem de ser feito a tempo certo, com segurança absoluta, na direção da vitória. O vagar, no caso, é a prova de que o comando democrático tem conciência de suas responsabilidades e de que dessas responsabilidades pretende desincumbir-se de acordo com os intereses superiores da causa da liberdade.

Preparativos para a invasão democrática da Europa

Aos portos da Irlanda, bem como às bases africanas recentemente conquistadas pelas democracias, continuam chegando consideraveis reforços, em homens, em armas e em máquinas. Pela quantidade de gente e de congéries já desembarcada, bem como pela massa que se anuncia que logo desembarcará, pode-se deduzir que não se trata de simples aumento de potencial de luta contra as forças ítalo-alemãs na África, ou de resistência contra a aviação germânica, na Inglaterra. Trata-se, ao contrário, de um pssso preliminar e indispensavel para as futuras operações de ataque ao corpo continental europeu, seja pelo Canal da Mancha, seja pelo Mar do Norte, seja pelo Mar Medterrâneo, ou ainda, por esses três pontos ao mesmo tempo.

De qualquer maneira, os referidos desembarques revelam que as democracias já possuem homens preparados para a luta em grande estilo moderno, dispondo, igualmente, de ampla capacidade de transporte marítimo.

Durante a semana passada, muito se falou a propósito da próxima invasão democrática da Europa. Os comentaristas mais avalizados consideram inevitavel essa invasão, havendo alguns que a classificam como sendo imprecindivel, visto que a vitória contra o "eixo" parece que tem de ser puramente militar. O aparecimento de amplos estudos jornalisticos a tal respeito, na imprensa mais austera das democracias, conjugado com a notícia dos desembarques citados acima, faz concluir que o comando das nações unidas talvez pretenda apressar a manobra da invasão, realizando-a na próxima primavera européia.

A FRENTE GERMANO - RUSSA

De conformidade com aquilo que a historia militar ensina, o inverno não é, positivamente, o melhor colaborador dos generais que se lançam a ataques contra a Rússia. Nesta conflagração, o inverno russo vem sendo o melhor estrategista do Cremlim, impondo, tanto na fase do frio de 1940 para 1941, como na atual, de 1942 para 1943, sérios reveses às forças alemãs, e bem assim aos diferentes exércitos que, voluntariamente, ou por noã ter outro remédio, com as forças alemãs colaboram.

Por efeito do inverno russo, a pressão do Reich contra Stalingrado vai sendo aliviada, de semana para semana. Por efeito do inverno russo, os avanços realizados pelas coortes da cruz gamada, em território soviético, tendem a anular-se, através de recuos que as mesmas coortes são obrigadas a empreender, para evitar cercos e derrotas parciais. Por efeito do inverno russo, enfim, o tariamente, ou por não ter outro revigoram suas arremetidas, impondo perdas pesadíssimas, tanto em vidas, como em material e em posições, aos adversários comandados por Hitler. Ao fim da semana passada, a Alemanha continuava em fase de sérios reveses tambem no setor oriental, isto é, na frente germâno- russa, abrindo perspectivas promissoras para melhores resultados do esforço empreendido pelas nações unidas.

MAPA DO SETOR NORTE DO OCEANO ATLANTICO, vendo-se os pontos onde costumam ser formados os comboios marítimos, das nações unidas, que vão para a Europa e outros continentes. As rotas do Atlântico ainda não estão livres de corsários do "eixo". Contudo, já são muito mais seguras do que o eram em 1940, e foi esta maior segurança que permitiu a colossal remessa secreta de forças norte-americanas para a ocupação da Africa Francesa. Na atualidade, o Atlântico é qusi que inteiramente dominado pelas nações democráticas. O quadrinho inserto apresenta a posição que o setor cartografado ocupa na geografia do mundo.

A FRENTE DO OCEANO PACIFICO

Não se póde dizer que a situação geral, no Oceano Pacifico, se haja modificado notavelmente, no curso da semana que passou. Prosseguiram, com êxito para os australianos, os neo-zelandeses e os norte-americanos, as operações militares — terrestres, aéreas e navais — no arquipélago de Salomão e na ilha da Nova Guiné, contra os japoneses.

Neste setor, porém, o que importa não é bem conquistar terras e dominar faixas de água. O que de fato importa, e o que constitue, realmente, o objetivo primacial das nações unidas, é desgastar o mais possivel o material bélico de Tóquio, dizimar o mais possivel as colunas do exército amarelo, e liquidar o mais possivel o contingente humano das forças aéreas do império de Hiroito. Nessas condições, seria equívoco apreciar os êxitos das nações unidas pelo prisma dos territórios conquistados, que são na verdade poucos. O correto é julgar os mesmos êxitos pelo prisma das destruições impostas, que são na verdade muitas e, por vezes, inteiramente irreparaveis.

Ainda na frente do Oceano Pacifico há a considerar um assunto de ordem político-militar muito importante. E' o da possivel agressão japonesa à Rússia, de que muito se falou, nos últimos meses de 1942. Os comentaristas internacionais mais reputados, pela segurança de suas informações e pela moderação de seus prognósticos, asseguram e proclamam, sem rebuços, que um conflito russo-japonês, dentro do quadro da atual conflagração mundial, não só é possivel, como é até inevitavel. Contudo, visto que os Estados Unidos, em colaboração com a Austrália e a Nova Zelândia, estão conseguindo o seu objetivo nos Mares do Sul, que é o de desgastar ao máximo o material de guerra do Japão, concentrando, ao mesmo tempo, o exército, a marinha e a aviação de Tóquio, nas águas próximas ao arquipélago de Salomão e à ilha da Nova Guiné, e visto que os russos se encontram empenhados em encarniçada imposição de derrotas aos alemães, na região do Cáucaso, é provavel que a agressão japonesa, contra a Rússia, já não se verifique tão cedo, e que o ataque russo ao Japão venha a ser adiado para bem mais tarde.

A não-verificação do conflito russo-japonês reveste-se de alta importância, principalmente porque deixa em liberdade, para uso em outros setores, ou na proteção de comboios, consideravel parte das belonaves norte-americanas.

NA FRENTE DA ÁFRICA

Verificou-se, na frente da Africa, um acontecimento auspicioso, para as nações unidas, mas de carater particularmente político. Esse acontecimento foi o da adesão da Somália Francesa à causa do general Charles De Gaulle, e, por tanto, à causa da liberdade.

A Somália Francesa tem 21.963 quilómetros quadrados de superficie, excluidos os territórios cedidos pelos acordos italo-franceses de 1935. Sua população é de 46.000 habitantes. A importância do acontecimento não está no território, que é árido, nem na população, que é pequena e não pode oferecer número apreciavel de elementos combatentes Está na posição estratégica da sua geografia. Esta posição estratégica assegura maior possibilidade de movimentos aos exércitos e às marinhas das nações unidas, na costa oriental do continente negro.

NA FRENTE POLÍTICA

Politicamente, o que se verificou, de mais notavel, na semana passada, foi o conjunto de discursos e de artigos, de elementos responsaveis de todas as nações unidas, a respeito da futura organização do mundo, quando a paz tiver de ser assinada — admitida, dese logo, e sem discussões, a vitória final das democracias.

Por enquanto. não há, propriamente, um plano, que se conheça, e que seja oficial, sobre o assunto. O que há são idéias que se aventam, sugestões que se fazem, cuidados que se aconselham e prudências que se recomendam — tudo no propósito de se organiar o mundo de amanhã de maneira a proporcionar maior trabalho e maior soma de felicidade, tanto aos indivíduos como às nações.

Até certo ponto, é ociosa a elaboração de planos, uma vez que não se sabe quando a guerra terminará, e menos ainda se adivinha qual será o estado de espírito da humanidade vencedora, quando a luta cessar. Contudo, louva-se o critério de politicos e de jornalistas, de economistas e de comandantes, critério este que é o de se impedir que, no futuro, novas chacinas se produzam, com graves prejuizo da civilização e, portanto, da humanidade

Em linhas gerais, o que se sugere é a autonomia dos povos capazes de se governar por si, a eliminação de alfândegas na maior escala possivel, o livre acesso às fontes de matérias primas e, principalmente, a liberdade de iniciativas.

MAPA DA ZONA NORDESTE DA TUNÍSIA, vendo-se Tunis e Bizerta, as duas bases que os totalitários ocuparam assim que se verificou a invasão da Africa Francesa pelos democráticos. As bases referidas são os pontos que as forças das nações unidas procuram agora conquistar. O quadrinho inferior apresenta a posição que a Tunísia o[illegible]cupa na geografia do mundo.

MAPA DO SETOR DO SUL DO PACIFICO, ponto que os norte-americanos, australianos e neo-zelandeses escolheram para travar batalhas de desgaste contra as forças de terra, mar e ar, do Japão. O quadrinho inserto apresenta a posição que o setor cartografado ocupa na geografia do mundo.